

EditorialGeraldo Adriano Emery Pereira¹Nathalia Rodrigues da Costa²Tiago Cerqueira Lazier³

“Por amor ao mundo”, assim nomeia-se uma das biografias mais famosas da vida e obra de Hannah Arendt. O mundo, essa palavra conhecida da retórica cotidiana, aparece nos escritos da autora como um conceito fundamental do léxico da política e da condição humana, trespassando e entrelaçando-se com os vários temas por ela estudados. De fato, esta coletânea de artigos, que gravita em torno da temática da construção e da destruição do mundo, reuniu-se pela ocasião do **XIV Encontro Internacional Hannah Arendt**, realizado na Universidade Federal de Viçosa em maio de 2023, cujo tema norteador foi a **Pluralidade da Pesquisa em Hannah Arendt**. Foi a partir da pluralidade de conceitos e temas, de preocupações e abordagens, que a relevância do cuidado com o mundo se afirmou.

Se colocarmos à prova a indagação, porque, afinal, falamos tanto de mundo, certamente, levantaremos várias hipóteses e encontraremos motivos diversos. As contradições contemporâneas – a liquidificação do mundo que escorre pelo ralo do aquecimento global, do capitalismo e dos fascismos –, as tradições da pesquisa brasileira em Hannah Arendt, entre outras questões, talvez nos ajudem a entender a centralidade do tema no encontro. Não obstante, e não menos apropriado, podemos dizer que o mundo rima com a obra e com a pluralidade da pesquisa instigada pela autora.

Mas o que é o mundo? As páginas que se seguem ajudarão a leitora e o leitor a elaborarem a sua própria resposta, à maneira de Arendt, na forma de um mosaico, do engajamento intelectual com um tema complexo e multifacetado. Durante a leitura, sugerimos atenção à seguinte qualidade do conceito: o

¹ Professor do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa (CAp-COLUNI). ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-4024-5454>. E-mail: geraldo.emery@ufv.br.

² Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Lavras (UFLA). ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-8277-8569>. E-mail: nathaliarodrigues1304@gmail.com.

³ Docente do Instituto Engajados de Tecnologias. Doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-3606-9478>. E-mail: tclazier@gmail.com.

mundo é comum por ocasião da pluralidade, e os seres humanos são plurais por compartilharem um mundo. Talvez seja esta a singularidade da reflexão arendtiana acerca da política e da condição humana: em seu cerne não encontramos nem a identidade nem a diferença, nem o individual nem o coletivo, e sim um conceito que remete e que celebra a convivência.

A presente coletânea apresenta dez artigos, que se deixam dividir em três seções temáticas: **A Construção e a Destruição do Mundo Comum**, **As Origens do Fim do Mundo e Perspectivas** e **Diálogos pela Renovação do Mundo Comum**.

Ana Luisa Lima Grein inaugura a primeira seção, sobre **A Construção e a Destruição do Mundo Comum**, com o seu artigo, “o Tesouro Perdido das Revoluções entre Permanências e Rupturas”. Grein retorna a análise de Arendt sobre as revoluções para problematizar o que ganhamos e o que perdemos do ponto vista da construção política do mundo. Ela defende que “o espírito revolucionário que leva à ação de criar algo novo se perdeu no transcorrer do fenômeno” e sugere que a durabilidade dos corpos políticos preserve a capacidade de ação e de criação do novo.

Débora Gondim e Lucas Barreto Dias discutem, na sequência, a “Liberdade Política e a Formação do Mundo Comum a partir do Pensamento de Hannah Arendt”. Em o que descreve como uma reflexão sobre a liberdade em seu sentido político, Gondim e Dias nos apresentam o conceito de *desmundanização*, próprio “de um movimento de alienação do mundo e da eliminação dos espaços públicos”. Porquanto a modernidade e a contemporaneidade nos permitiram pôr em foco a ideia do mundo, é o colapso do mundo, o despertencimento e a extinção da singularidade que caracterizariam o tempo em que vivemos.

Alessandro Marinelli de Oliveira e Maria Cristina Müller discorrem, ao final da primeira seção, sobre “O Homem Atomizado e a Degeneração da Democracia”. De Oliveira e Müller demonstram como “o avanço de governos autoritários, o descrédito à política, o desinteresse do homem em relação a ela e a falta de espaços públicos justificam” a tese de que a democracia se degenera nas sociedades massificadas de hoje e de séculos passados. Eles nos lembram,

não obstante, que os movimentos totalitários “podem ser evitados pelo prestígio ao espaço político”.

Tamara Tainah Lopes e Silva e José Luiz de Oliveira inauguram a segunda seção, com textos que nos ajudam a entender **As Origens do Fim do Mundo**. Silva e Oliveira, em “O Fenômeno da Cultura de Massas em Hannah Arendt”, assumem a tarefa de nos explicar a “relação problemática entre a sociedade moderna e a cultura”, em um contexto em que “a massa da população, livre das pesadas jornadas de trabalho, passa a dispor de momentos de lazer” e carece de novas formas de entretenimento. Os autores nos lembram que a disponibilidade de tempo não é suficiente para assegurar a vida e a felicidade pública pois este pode ser consumido em favor de uma sociedade dedicada ao trabalho.

Dayana Ferreira de Sousa discute, na sequência, “O Imperialismo e a Mentalidade Burguesa em Hannah Arendt”. Sousa avalia que “tanto as atividades burguesas quanto a mentalidade do homem europeu, do final do século XIX, prepararam, de certo modo, o solo para a ulterior dominação totalitária”. A redução da política à produção de excesso de riqueza e poder, próprio da mentalidade burguesa, e, em particular, do imperialismo constitui, se assim podemos dizer, um dos elementos na origem do definhamento do mundo.

Hugo Prado se propõe, no final da segunda seção, a “Pensar a Modernidade Tecnocientífica e as Implicações do Big Data à Luz da Fenomenologia da Vida Activa de Hannah Arendt”. Prado nos apresenta o fenômeno do *Big Data* e o que chama de problema do fim da crítica. Em sua argumentação ele demonstra a atualidade da problematização arendtiana sobre a modernidade tecnocientífica e conclui que “não podemos ignorar os déficits imanentes à estrutura comunicacional das redes que, enquanto tais, condicionam e limitam a espontaneidade e ocultam aspectos importantes da pluralidade humana”.

Cristian Tadeu da Silva e José Luiz de Oliveira inauguram a terceira e última seção, **Perspectivas e Diálogos pela Renovação do Mundo Comum**, com o artigo “A Condição Política do Perdão em Hannah Arendt”. Em suas próprias

palavras, o “trabalho se volta para as análises arendtianas acerca do perdão, presentes em “A Condição Humana”, enquanto fator fundamental para a manutenção das relações entre os homens”, tendo em vista a imprevisibilidade e a irreversibilidade das teias da ação humana.

Ricardo Teixeira da Silva discorre, na sequência, sobre os “Diálogos entre Hannah Arendt e Bernard Charlot: Entre o Espaço de Experiência e o Horizonte de Expectativas”. Silva, em um diálogo frutífero entre Arendt e Charlot, defende que a barbárie existe “em qualquer situação, encontro ou relação entre humanos na qual um nega a humanidade do outro”. Diz ainda que “aquele que nega a humanidade do outro desconstrói o vínculo de pertencimento a um mundo comum, se colocando, a si mesmo, fora da humanidade”. Tanto Arendt como Charlot, não obstante, nos ensinam, respectivamente, a possibilidade de pensar do ponto de vista do outro e a reintroduzir a questão do Homem na educação.

Muriel Amaral trata de “Hannah Arendt e Contribuições aos Estudos em Jornalismo/Comunicação”. Amaral sugere que os estudos de Arendt acerca das “manifestações do mal, dos regimentos totalitários, e da relação entre espaço público e espaço privado” podem “alargar o campo do Jornalismo/Comunicação. A sua hipótese é que esse alargamento pode se dar pelo contato da ação política com a comunicação, na perspectiva do desenvolvimento do pensamento alargado, como expediente adotado na apuração de notícia e a noção da pluralidade no espaço político”.

Natália Tavares Campos encerra a coletânea com o seu artigo “O Poeta e a Cidade: Hannah Arendt e a Função Política da Poesia”. Campos nos lembra que Arendt, por vezes, recorria a poetas, em busca de versos capazes de expressar, se assim podemos dizer, a beleza plural do mundo comum. Nas palavras da autora, Arendt “parecia estar convencida de que competia a estes ‘fazedores de linguagem’ conservar, fazer perdurar na recordação tudo aquilo que deve sua existência exclusivamente aos homens, revelando, neste mesmo movimento, o seu significado e ensinando-lhes, ainda, ‘a aceitação das coisas tais como são’”.

Assim, é refletindo sobre os riscos e possibilidades da nossa experiência nesse mundo comum que à equipe de editores da Revista de Ciências

Humanas da UFV dirigimos os nossos agradecimentos pelo acolhimento da pluralidade da pesquisa em Hannah Arendt, em especial à Luiza Oliveira Pacheco, editora adjunta da publicação, pelo trabalho de revisão, edição e diagramação do periódico. Ainda nesse espírito de gratidão, agradecemos ao Centro de Ciências Humanas Letras e Artes da UFV, na pessoa de seu diretor, Professor Odemir Vieira Baêta, pelo apoio às atividades do *XIV Encontro Internacional Hannah Arendt*. Por fim, nesse espírito plural e provocativo do pensamento de Hannah Arendt, desejamos a todas e todos uma boa leitura!